

Representações sobre o ensino de línguas estrangeiras para alunos do PROEJA: Pra quê serve essa língua?

Áurea Regina do Nascimento Santos¹

RESUMO: Este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa sobre as concepções de 16 alunos do curso de Edificações do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, do Instituto Federal do Piauí, sobre o ensino de línguas estrangeiras (inglês e espanhol). Neste trabalho, fazemos uma exposição sobre o programa educacional PROEJA; o papel das línguas estrangeiras no currículo da escola e a relação dos sujeitos do PROEJA com o ensino de inglês e espanhol. A pesquisa teve um enfoque quali-quantitativo, exploratório e descritivo, além de incluir a aplicação de questionário aberto e fechado na metodologia utilizada. Nos resultados obtidos, analisamos o perfil socioeconômico dos alunos do PROEJA e as expectativas desses alunos quanto ao ensino de línguas estrangeiras, e as dificuldades que eles encontram ao utilizar os conteúdos estudados na área do curso. Observamos que: a) a maioria dos alunos não reconhece a importância de uma língua estrangeira para o mercado de trabalho da área do curso; b) para os alunos do PROEJA Edificações, os professores que trabalham com essa modalidade de ensino não contribuem para que as aulas de língua estrangeira sejam significativas; e c) materiais didáticos adequados, conteúdos relacionados à área do curso e aulas mais dinâmicas ajudariam a despertar o interesse dos alunos para o ensino das línguas estrangeiras.

Palavras-chave: Educação Profissional; Ensino-aprendizagem de Línguas Estrangeiras; PROEJA.

ABSTRACT: This paper presents the results of a research about the conceptions of 16 students from the Buildings Course in the National Program of Integration between Vocational and Basic Education in the Genre of Young and Adult Education – PROEJA, at the Federal Institute of Piauí, about the teaching of foreign languages (English and Spanish). We present the educational program PROEJA; the role foreign languages have in the school curriculum and the relation the PROEJA students have with the teaching of English and Spanish. The study had a quali-quantitative, exploratory and descriptive focus. It also included a questionnaire (with multiple choice and open questions) in the methodology. In the results, we analyzed the socioeconomic profile of the students and their expectations regarding the teaching of foreign languages, and the difficulties they have in using the contents they study in the field of their course. We observed that a) most of the students do not acknowledge the importance of a foreign language for the job market in the field of the course; b) in some students' opinion, teachers who work with this genre of teaching do not contribute for the foreign language classes to become meaningful; and c) proper class materials such as books, contents related to the field of their course and more dynamic classes would help students to become more interested in the teaching of foreign languages.

Keywords: Vocational Education; Teaching and learning of foreign languages; PROEJA.

¹ Especialista em Educação de Jovens e Adultos – PROEJA pelo Instituto Federal do Piauí (IFPI). Docente de Língua Inglesa – IFPI. E-mail: aureasantos@ifpi.edu.br

Introdução

O PROEJA é o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos e, segundo o Documento Base,

[...] tem como fundamento a integração entre trabalho, ciência, técnica, tecnologia, humanismo e cultura geral com a finalidade de contribuir para o enriquecimento científico, cultural, político e profissional como condições necessárias para o efetivo exercício da cidadania. (DOCUMENTO BASE, 2007, p. 35)

Tendo em vista que os sujeitos dos cursos do PROEJA são pessoas com uma trajetória escolar descontínua e que o mercado de trabalho do mundo contemporâneo está intimamente ligado ao desenvolvimento de novas tecnologias, bens, serviços e conhecimentos, observa-se que muitos alunos encontram dificuldades para desenvolver suas habilidades nessas várias áreas de atuação. Por isso, faz-se necessário um programa educacional como o PROEJA, que vem suprir as necessidades de milhares de pessoas que ficaram à margem do processo educacional, “não cursaram o ensino fundamental e médio durante a infância e/ou adolescência por causa do trabalho, oferta insuficiente de vagas, entre outros motivos” (SOEK, 2009, p. 6). Além de ser um programa educacional, o PROEJA é também um instrumento de resgate da cidadania e de construção de uma cidadania ativa.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), para os jovens e adultos exercerem a cidadania, é necessário que se comuniquem, compreendam, saibam buscar informações e sejam capazes de interpretá-las e de argumentar a partir delas, o que implica o desenvolvimento de todas as habilidades linguísticas. A aprendizagem da língua estrangeira (LE) é, portanto, necessária como instrumento de compreensão do mundo, de inclusão social e de valorização pessoal. É parte indissolúvel do conhecimento essencial que permite ao aluno aproximar-se de outras culturas e integrar-se no mundo globalizado.

A relação LE *versus* globalização apoia-se em Corbett, que afirma,

Uma parte essencial da consciência linguística intercultural é o desenvolvimento da consciência crítica. [...] Destacar os princípios do ensino linguístico intercultural é assumir que todos os tipos de comportamento (inclusive o comportamento linguístico) são evidências das crenças e atitudes específicas da cultura. (2003, p. 40)

O objetivo deste artigo é apresentar o processo e os resultados obtidos em uma pesquisa realizada como trabalho final para o Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), oferecido pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC), do Ministério da Educação (MEC), no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Teresina Central, entre 2010 e 2011. A pesquisa tem como objetivo a análise da concepção de um grupo de alunos do PROEJA sobre o ensino de línguas estrangeiras (LE) no curso de Edificações oferecido pelo Instituto Federal do Piauí.

Esta pesquisa foi motivada pela inquietação das autoras em relação a pouca importância dada pelos alunos do PROEJA às aulas de LE. Assim, realizamos uma pesquisa de intervenção, que teve como objetivos: a) Conhecer o perfil dos estudantes de 02 turmas de PROEJA - Edificações do IFPI, no tocante à língua inglesa e espanhola; b) Identificar as dificuldades que os alunos encontram ao estudar as disciplinas de LE; e c) Propor atividades que tornem as aulas dessas disciplinas mais significativas para os alunos.

1. As línguas estrangeiras no currículo da escola

Segundo Almeida Filho (1995, p.2), quando a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação de 1971 reduziu de 12 para 11 anos o ensino obrigatório – o 1º grau com 08 anos de duração e o 2º grau com 03 anos – ela reduziu, também, o tempo de escolaridade e formação profissional; e teve um grande impacto sobre o ensino de línguas. Outra determinação da LDB foi a de que a LE seria "dada por acréscimo" de acordo com as condições de cada estabelecimento. Ao delegar o ensino de línguas às condições de cada estabelecimento, deixou-se à deriva uma grande parte das escolas públicas, sobretudo aquelas localizadas longe dos grandes centros. Neste período, muitos alunos passaram por essas escolas, ao longo do Primeiro e do Segundo Grau, sem nunca terem estudado uma LE.

Um plano emergencial apresentado pela Carta de Florianópolis² para o ensino de línguas no país enfatizava que “todo brasileiro tem direito à plena cidadania, a qual, no mundo globalizado e poliglota de hoje, inclui a aprendizagem de LE,” e propunha, entre outros itens,

[...] que seja elaborado um plano de ação para garantir ao aluno o acesso ao estudo de línguas estrangeiras, proporcionado através de um ensino eficiente. A aprendizagem de línguas não visa apenas a objetivos instrumentais, mas faz parte da formação integral do aluno. (Carta de Florianópolis, 1996)

Em dezembro de 1996, é promulgada a nova LDB, que torna o ensino de LE obrigatório a partir da quinta série do ensino fundamental.

O Art. 26, § 5º dispõe que,

Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição. (1996)

Quanto ao ensino médio, o art. 36, inciso III estabelece que,

[...] será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das possibilidades da instituição. (1996)

Apesar da impressão de que, finalmente, o ensino de LEs tinha sua importância legitimada pela legislação educacional, algumas brechas na LDB demonstram que o ensino de idiomas ainda não tem um espaço realmente relevante como projeto pedagógico.

Em 07 de julho de 2005, a Lei nº 11.161 aprovada pela Câmara dos Deputados previu que as escolas de ensino médio de todo o país deveriam oferecer língua espanhola dentro do horário regular, porém a matrícula do aluno seria opcional. Para o ensino

² Documento divulgado ao final do I Encontro Nacional de Política de Ensino de Línguas (I ENPLE). O evento foi promovido pela Associação de Lingüística Aplicada do Brasil (ALAB) em novembro de 1996.

fundamental, a inclusão da língua espanhola no currículo seria facultada a partir da 5ª série.

O inglês e o espanhol, além de relevantes para o mundo globalizado, pelo uso da informática e nas relações com os outros países, são também importantes na área da construção civil. Tendo em vista que o egresso do curso de Edificações terá atividades voltadas notadamente para “incorporação e/ou prestação de serviços de: projetos, consultoria, assessoria e planejamento – construção - restauração, recuperação e manutenção de obras de edifícios” (CEFET-PI, 2001, p.5). Portanto, ao oferecer as línguas estrangeiras (LEs) na escola, as características sociais, culturais, econômicas e históricas de cada região devem ser levadas em consideração. Não se deve pensar numa espécie de unificação do ensino, mas, sobretudo no atendimento às diversidades, aos interesses locais e às necessidades do mercado de trabalho no qual está inserido ou virá a inserir-se o aluno.

Essa é uma questão relevante, levando-se em conta os debates sobre as diferenças culturais, alteridade e multiculturalismo que a globalização tem suscitado. A construção da cidadania depende do grau de conscientização que o indivíduo tem acerca de si próprio. Santos e Oliveira (2009, p. 27) afirmam que, ao estudar uma LE, o estudante entra em contato com outra cultura, o que contribui para que ele conheça aspectos culturais diferentes daqueles presentes na sua comunidade. Isso pode levar o estudante a um processo de reflexão acerca do outro e de si próprio. Afinal, o mundo social do estudante brasileiro é influenciado por aspectos econômicos, políticos e culturais das sociedades de outros países.

2. Os sujeitos do PROEJA e as línguas estrangeiras

O ensino de línguas estrangeiras para os alunos do PROEJA exige uma maior contextualização do conhecimento, motivação dos alunos para que a aprendizagem do inglês e do espanhol seja significativa. Como o domínio desses idiomas está, gradativamente, se tornando “necessário para o sucesso na vida profissional, torna-se cada vez mais importante que seus alunos tenham êxito nas suas habilidades” (MARTINEZ, 2006, p. 37).

Um egresso do curso Técnico em Edificações necessita apresentar conhecimentos específicos sobre o uso de materiais e máquinas que são utilizadas na construção civil. E alguns deles poderão apresentar comandos e manuais de uso em língua estrangeira.

Entre as dificuldades apresentadas por alunos em geral, podemos citar a autonomia necessária para a interação e produção de sentido dos atos de linguagem produzidos pelas línguas inglesa e espanhola e o “domínio de língua estrangeira como forma de ampliação de possibilidades de acesso a outras pessoas e a outras culturas e informações” (PCNs, 2000, p. 95).

Como os sujeitos desta pesquisa são alunos do PROEJA do IFPI, ao concluir um curso da Educação Básica Integrada à Educação Profissional na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, eles devem ter a capacidade de usar as LEs para a leitura e interpretação de textos, capacidade de desenvolver a estrutura linguística e de adquirir repertório vocabular.

3. Aspectos metodológicos da pesquisa

O estudo realizado foi do tipo descritivo, em que observamos as características dos alunos de duas turmas do Curso Técnico Integrado ao Médio em Edificações (PROEJA). A pesquisa foi também exploratória, pois havia um escasso conhecimento sobre as dificuldades dos alunos do PROEJA no tocante às línguas estrangeiras.

Nesta pesquisa, escolhemos o enfoque quali-qualitativo, o que nos possibilitou uma complementação maior das informações. A pesquisa de cunho qualitativo se preocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1994, p.21).

O instrumento de investigação utilizado na coleta de dados foi o questionário com questões abertas e fechadas, que se justifica pela possibilidade de obter uma quantidade maior de dados e anonimato dos participantes. O questionário permite, também, coletarmos “informações mais reais e precisas” (GIL, 1999, p. 128). Os sujeitos da pesquisa são 16 alunos do curso de Edificações (PROEJA), 07 do módulo³ IV e 09 do módulo VI, turno noturno.

³ O curso Técnico em Edificação é dividido em 06 (seis) módulos semestrais que correspondem a um período total de 03 (três) anos de curso.

4. Caracterização dos sujeitos da pesquisa

A primeira parte do questionário compreendeu quinze perguntas objetivas referentes a sexo, idade, estado civil, nível de escolaridade, tipo de escola em que estudou, tempo que ficou afastado da escola, se trabalha, qual área, carga horária, renda, motivo para estudar no IFPI e qual a perspectiva para depois que concluir o curso.

Essa primeira parte do questionário foi necessária para identificar o perfil de cada aluno do curso Técnico em Edificações quanto às sua vida escolar prévia e suas atribuições fora do ambiente escolar.

Dos 16 alunos que responderam ao questionário, tivemos 50% de cada sexo. Embora outros alunos não tenham respondido o questionário, pudemos observar que a quantidade de homens supera a quantidade de mulheres nas turmas do Curso de Edificações.

Com relação à faixa etária, a maioria – 56,25% – está entre 18 e 30 anos, indicando que a clientela atendida pelo PROEJA é de jovens. Também encontramos 25% dos alunos com idade superior a 40 anos. E, quanto ao estado civil dos alunos que responderam o questionário 62,5% são solteiros.

Os dados relativos à escolaridade e ao tipo de instituição em que eles estudaram revelaram que 62,5% possuem apenas o Ensino Fundamental e desses, 80% estudaram em escola pública. Dos 37,5% que possuem Ensino Médio completo, 80% também estudaram em escola pública.

No que tange ao tempo de afastamento da escola, constatamos que grande parte dos estudantes – 68,75% – deixou de frequentar a escola depois do ano de 2000, o que para nós representa um curto espaço de tempo de afastamento da escola.

Sobre a condição de trabalhador ou não dos estudantes, constatamos que 67,75% exercem atividades laborais. Desses, 54,5% exercem suas funções com carteira assinada e já atuam na área da construção civil; enquanto 45,5% trabalham na informalidade e exercem atividades diferentes da área do curso como, por exemplo, costureira. Desses que trabalham sem carteira assinada, há também os que já atuam na área da construção civil e apresentam uma jornada de trabalho semanal superior a 40 horas (45,5%). A

mesma quantidade de alunos informou trabalhar até 40 horas por semana. Isso nos leva a refletir sobre a disponibilidade que esses alunos teriam ou não para dedicar-se aos estudos fora da carga horária destinada às atividades presenciais.

Ainda no que diz respeito à sua condição de trabalhador, constatamos que 75% recebem até 03 salários mínimos e que essa é, também, a renda familiar. Esses dados, aliados aos que dizem respeito à carga horária semanal desenvolvida pelos sujeitos pesquisados, retratam a condição de exploração que faz parte do cotidiano de muitos trabalhadores em nosso país.

Os alunos informaram que a perspectiva deles para o período depois da conclusão do curso é de trabalhar na área da construção civil (37,5%) e cursar o Ensino Superior (62,5%) em cursos relacionados à mesma área, como Engenharia Civil.

Os resultados relacionados aos motivos que levaram os alunos a escolher cursar o PROEJA no IFPI podem ser observados no Gráfico 1.

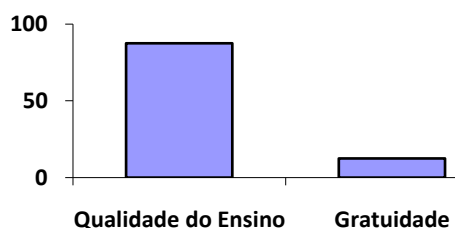


Gráfico 1 - Motivos para cursar o PROEJA no IFPI (em %)

O principal motivo para os alunos do curso Técnico e Edificações escolherem estudar no IFPI foi a qualidade do ensino apresentado pela instituição. Esse aspecto é bastante subjetivo uma vez que muitos alunos ingressam no IFPI apenas porque ouviram outras pessoas comentarem sobre a instituição.

Para outros, o fato do ensino ser gratuito foi o maior motivador para voltar a estudar.

5. A importância da línguas estrangeiras

A segunda parte do questionário compreendeu treze perguntas, 08 objetivas e 05 subjetivas, que se referiam: ao acesso de conteúdos em LE em meios de comunicação; à

importância de estudar uma LE; quais idiomas eles já estudaram na escola; quais as dificuldades que eles encontram em estudar LEs; qual a importância das aulas de inglês e/ou espanhol para a área do curso; se eles teriam pretensão de fazer algum curso extra de idiomas e que sugestões eles dariam para que as aulas de idiomas se tornassem mais significativas.

Em relação aos meios de comunicação que eles têm acesso, a televisão foi o que apresentou o maior percentual de acesso (Tabela 1). Já em relação ao acesso a conteúdos em língua estrangeira, a internet foi apontada por 25% como o único meio de acesso. Porém, 75% afirmaram não ter nenhum acesso a conteúdos em outros idiomas nos demais meios de comunicação.

Meios de comunicação	Acesso em %
Televisão	100
Rádio	68,75
Internet	68,75
Jornal	37,5
Revista	25

Tabela 1- Acesso a meios de comunicação

O acesso aos meios de comunicação, principalmente, a internet, trouxe uma mudança radical no comportamento das pessoas. Vários serviços como a venda de produtos, o uso de salas de bate-papo, os correios eletrônicos e as redes sociais, provocaram uma acessibilidade maior do indivíduo em relação às máquinas.

Além disso, os usuários desses meios de comunicação passaram a ter um acesso maior a acontecimentos e pessoas mundo afora. Daí surge a necessidade de acessarem páginas em línguas estrangeiras e de se comunicarem com falantes de diferentes idiomas.

Em relação aos idiomas que eles estudaram durante a vida escolar, 100% afirmaram já ter estudado inglês. Desses, 62,5% também estudaram espanhol e 12,5% disseram ter estudado francês ou latim. E sobre os idiomas que eles já estudaram no

curso de Edificações no IFPI, 100% afirmaram ter frequentado aulas de inglês e 56,25%, espanhol.

Para complementar os estudos, 6,25% cursaram espanhol em cursos particulares, e 93,75% nunca frequentaram aulas de idiomas além da escola *regular*. Além disso, 43,75% informaram ter a intenção de frequentar um curso particular de inglês após a conclusão do curso de Edificações; 31,25% pretendem cursar espanhol e 6,25%, francês. Porém, 43,75% não têm nenhuma intenção em estudar outras línguas estrangeiras quando concluírem o PROEJA.

Aprender a se comunicar por meio de uma LE, além de constituir uma exigência social, também pode contribuir de modo muito significativo para a formação global do aluno. Aprender inglês ou espanhol não se justifica simplesmente porque existe uma expectativa social estimulada pelo crescimento dos intercâmbios culturais e pela circulação de informações e conhecimentos, mas também pelas situações educativas que a aprendizagem de uma língua estrangeira promove. Brown (2007, p. 36) afirma que a aproximação entre culturas - a nativa e a da língua estrangeira - coloca o aprendiz diante de desafios socioculturais que refletirão nos aspectos afetivo, cognitivo, político-ideológico e educacional que envolvem o aluno e seu contexto de aprendizagem.

No que se refere à importância de estudar uma LE, apesar de 25% terem afirmado que não veem nenhuma importância em estudar idiomas, 75% afirmaram que as línguas estrangeiras são importantes para conseguir um bom emprego, comunicar-se com outras pessoas e viajar para o exterior. Entretanto, sobre a relação entre a área de Edificações e o estudo de outros idiomas, 37,5% disseram que não tem importância. Mas 62,5% acreditam que na área do curso é necessário o conhecimento de outros idiomas para que possam utilizar programas e equipamentos que estão em língua estrangeira.

Assim, vejamos alguns relatos:

É muito importante, pois o mercado de trabalho exige cada dia mais esse tipo de conhecimento. (Aluno A)

Embora não utilizar em um canteiro de obra, vejo como um apoio para prestar um vestibular. (Aluna A)

A partir desses dados, constatamos que 12,5% dos alunos consideram que ter conhecimento sobre um idioma estrangeiro é importante, mas não para a área de

Edificações. Isso mostra que alguns alunos não estão cientes do diferencial que é possuir conhecimento em uma LE para atuarem no mercado de trabalho no mundo globalizado. Se os alunos não acreditam ser importante o conhecimento de uma língua estrangeira, eles também não se sentem motivados a estudá-la.

Os depoimentos mostram: a) que as transformações ocorridas no mundo do trabalho, decorrentes do acelerado processo de globalização da economia, característico da reorganização do sistema capitalista, estão a exigir, cada vez mais, a formação de um novo profissional, que, além do domínio da técnica, possua criatividade, dinamismo, competência e autonomia; b) uma descontextualização do currículo da língua estrangeira da formação profissional: o conteúdo é voltado para o vestibular, predominando, portanto, o estudo de regras gramaticais e interpretação de textos, como “consequente ausência de definição de objetivos de ensino que levem em conta o aspecto comunicativo da língua” (AGUIAR, 2002, p. 7). Além disso, esse fato pode ser resultado das dificuldades que eles enfrentam ao estudar outros idiomas.

Os motivos abordados sobre as dificuldades que os alunos encontram nas aulas de LE, 25% afirmaram que o material didático não é satisfatório, 12,5% indicaram o pouco tempo disponível para estudar, 18,75% disseram que o problema é porque o idioma é complicado (pronúncia e escrita), 12,5% indicaram o tempo de afastamento da escola como o principal motivo e 31,25% disseram que a dificuldade é devido à falta de paciência do professor.

Vejamos alguns depoimentos:

É muito complicado aprender isto (inglês) e o professor, não acho bom o jeito que ele ensina. (Aluna D)

Pouco tempo de aula. (Aluna C)

Falta de conteúdos adequados. (Aluna F)

Segundo as Diretrizes Nacionais para Formação de Professores, Parecer CNE/CP nº 009/2001, é importante observar que a lei prevê que as características gerais da formação de professores devem ser adaptadas ou adequadas aos diferentes níveis e modalidades de ensino, assim como a cada faixa etária.

Embora se tenha investido bastante em programas de formação de professores nos últimos anos, a carência de pessoal docente qualificado para atuar na modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos tem se constituído num dos pontos críticos e mais importantes na expansão da Educação Profissional no país. A formação de professores e a prática docente no PROEJA ainda é uma área de pesquisa que necessita ser melhor explorada. “Isso se justifica pelo pouco tempo de implantação dessa política de educação” (SANTOS & OLIVEIRA, 2009, p. 22).

À falta de professores qualificados soma-se a pequena carga horária total das disciplinas de línguas estrangeiras no curso e Edificações – inglês (120h) e espanhol (40h), comparando-se ao ensino médio dito ‘regular’, em que a carga horária é de 180h e de 60h ao final de três anos de curso, respectivamente (CEFET-PI, 2001, p. 10).

Segundo Botelho e Leffa (2009, p. 113), a inclusão da LE no currículo da escola, por si só, não é garantia do ensino/aprendizado eficiente dessas línguas. Assim, a seleção de conteúdos que o professor faz para as aulas de línguas estrangeira deveria está relacionada ao desejo do aluno em aprender.

Botelho e Leffa (2009, p. 121) afirmam que a escolha dos conteúdos de língua estrangeira deve responder a pergunta ‘Para quê serve aprender uma língua estrangeira?’. A multiculturalidade da língua estrangeira permite que se parta de qualquer realidade, incluindo a realidade do aluno brasileiro, de qualquer idade e de qualquer parte do país. É impossível não achar algo que não seja do gosto do aluno e que não sirva para seduzi-lo e incluí-lo numa determinada comunidade.

Por fim, os alunos deram algumas sugestões que eles consideram relevantes para uma melhor aprendizagem nas aulas de LE (Tabela 2).

Sugestões	Quantidade (em %)
Aulas dinâmicas (músicas, filmes)	56,25
Professor mais paciente	12,5
Não responderam	31,25

Tabela 2 - Sugestões para as aulas de Língua Estrangeira.

Essas sugestões vão ao encontro do pensamento de Palmer (1998, p. 26) que afirma que para ensinar é preciso ter coragem. Coragem para modificar sua prática pedagógica e transformar suas aulas em um ambiente de interação entre aluno-professor-conteúdo. Transformar suas aulas não significa que o professor vai virar a sala de cabeça para baixo e pedir aos alunos que façam coisas do outro mundo. Ao utilizar um vídeo ou uma música em sala de aula, o professor diminui a formalidade da aula que se baseia em leitura e gramática apenas e transforma o seu ensinar.

Para Freire (2003, p. 18), o ato de ensinar se configura num processo dinâmico e acontece a partir de uma relação de reciprocidade, pois à medida que o professor ensina, também aprende. Enquanto coloca-se como mediador do conhecimento, auxilia e interage junto aos discentes para formá-los na condição de pessoa, cidadão e profissional e, ao mesmo tempo, aprimorando sua formação pessoal e profissional através da relação dialética e interativa.

Considerações Finais

Ao observar os dados obtidos com essa pesquisa identificamos alguns aspectos que destacaremos a seguir.

Inicialmente, é preciso perceber que o aluno de um curso do PROEJA não é o estudante universitário, o profissional qualificado que frequenta cursos de formação continuada ou de especialização, ou a pessoa adulta interessada em aperfeiçoar seus conhecimentos em áreas como artes, línguas estrangeiras ou música, por exemplo. Ele é, na verdade, o trabalhador não-qualificado e com baixo nível de escolaridade ou o jovem geralmente incorporado aos cursos supletivos. E isso nos leva a refletir sobre como esses jovens e adultos pensam e aprendem, sobre a definição de seu lugar social porque também não podemos tratá-los como crianças.

Esses alunos trazem, além de diferentes habilidades e dificuldades de aprendizagem, uma história mais longa e mais complexa de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas (OLIVEIRA, 1999, p. 61).

Assim, observamos que alguns dos alunos das 02 turmas do Curso de Edificações já estão trabalhando na área da Construção Civil, mesmo sem a formação escolar

necessária, o que indica que eles exercem suas atividades na informalidade. E o fato de ter decidido estudar no Instituto Federal do Piauí mostra o quanto eles estão preocupados em melhorar suas condições de trabalho. Pois, a maioria deles informou ter procurado o IFPI pela qualidade do ensino, mesmo os que já possuem o ensino médio completo.

Outra questão que podemos destacar na pesquisa foi a que revelou os motivos que dificultam a aprendizagem de línguas estrangeiras. Um dado importante já que muitos informaram que os principais motivos são a didática do professor e o material didático. Esse último, uma grande preocupação para nós, pois os cursos de PROEJA não adotam material específico e a elaboração de materiais para suas aulas fica sob a responsabilidade de cada professor. Preocupa-nos também o fato de que, como afirmaram os alunos, alguns professores não têm paciência pra ensinar.

De acordo com Leffa (2001), para fazer a aprendizagem da língua acontecer em sala de aula, a formação de um professor de LE envolve o domínio de diferentes áreas de conhecimento, incluindo o domínio da língua que ensina, e o domínio da ação pedagógica que envolve, “além da competência profissional, o querer bem aos educandos” (FREIRE, 2003, p. 141).

Ensinar levando em conta essas orientações requer que o professor exerça a atividade docente com autonomia e responsabilidade. Autonomia, porque não há uma receita a ser seguida, mas sugestões de como atender a uma mudança no enfoque do ensino de línguas e nas próprias características da sociabilidade e da produção do conhecimento nos dias de hoje. Os PCNs de língua estrangeira não apontam os conteúdos que devem ser ensinados, mas lembram que há um dado que não pode ser desprezado: o que o aluno sabe. É com base no conhecimento do aluno que o professor encaminha as atividades e busca fazer com que esse aluno amplie seu repertório.

Isso requer que o professor proponha tarefas que possam ser resolvidas pelos alunos e que, ao mesmo tempo, se constituam em desafios que os motivem; crie situações em que os alunos possam interagir; em que a sala de aula seja um lugar de uso da língua e de reflexão sobre ela; promova situações em que a interação não seja apenas de caráter assimétrico, mas, principalmente, que haja intercâmbio entre os pares; aprenda a compartilhar com os alunos algumas das tomadas de decisão sobre o processo de ensino, permitindo que eles sejam coautores desse processo, capazes, sobretudo, de atribuir sentido a ele.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, G. E. de. **O ensino de Língua Inglesa**. Teresina: EDUFPI, 2002, 152p.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Por uma política de ensino de (outras) línguas**. *Em Aberto*, Brasília, ano15, n.65, out./dez., 1995.

BOTELHO G. & LEFFA, V. J. **Por um ensino de idiomas mais includente no contexto social atual**. Editora Parábola. São Paulo, 2009.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília (DF): MEC/SEB, 2000.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Profissional e Tecnológica. **Programa Nacional e Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA Documento Base**. Brasília (DF): MEC/SETEC, 2007.

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 5.693 de 1971**. Brasília (DF).

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 1996**. Brasília (DF).

_____. Ministério da Educação. **Lei nº 11.161 de 2005**. Brasília (DF).

_____. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº 009/2001**. Brasília (DF)

BROWN, H. Douglas. **Principles of language learning and teaching**. 5.ed. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall Regents, 2007.

CEFET. **Plano de Curso - Edificações**. Teresina, 2001.

CORBETT, J. **Developing Intercultural Language Awareness**. *New Routes*. Editora Disal. São Paulo, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. Editora Atlas. São Paulo, 1999.

LEFFA, V. J. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). **O professor de línguas estrangeiras; construindo a profissão**. Pelotas, 2001, v. 1, p. 333-355.

MARTINEZ, Ron **Keeping students motivated through vocabulary instruction**. *New Routes*. Editora Disal. São Paulo, 2006.

MINAYO, Cecília de Sousa (org.) et al. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 3 ed., Petrópolis: Ed. Vozes Ltda., 1994.

OLIVEIRA, M. K. de. **Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. Caxambu, 1999.

PALMER, P. J. **The Courage to Teach: Exploring the Inner Landscape of a Teacher's Life**. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1998.

SANTOS, J. A. & OLIVEIRA, L. A. **Ensino de língua estrangeira para jovens e adultos na escola pública**. Editora Parábola. São Paulo, 2009.

SOEK, Ana Maria (Org.). **Mediação Pedagógica na Educação de Jovens e Adultos: Ciências Humanas.** Ed. Positivo. 1ª Ed. Curitiba, 2009.